



LUTAR CONTRA O NEOLIBERALISMO:

ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

WAGNER PIRES



LUTAR CONTRA O NEOLIBERALISMO:

ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

WAGNER PIRES



INTRODUÇÃO

1989. Pouco mais de um ano da promulgação da Constituição de 1988, a constituição “cidadã”, chegou ao segundo turno, dois candidatos com projetos de país diametralmente opostos. De um lado, Lula, oriundo do movimento sindical, com um projeto de governo voltado para a classe trabalhadora. Do outro lado, Collor, até então, obscuro político alagoano, herdeiro de um império de comunicação e integrante da tradição política de Alagoas. Seu projeto ataca os servidores, chamados jocosamente de marajás, bem como a corrupção, defendendo a privatização, como meio eficaz de combater os problemas, oriundos de um Estado grande demais. Foi esse o contexto no qual o neoliberalismo entra em cena no Brasil.

Eleito, Collor deu início a privatizações e ataques ao serviço público, que seguiu de vento em popa, mesmo depois de sua queda e chegou ao auge no governo Fernando Henrique Cardoso. Os governos petistas seguintes, além de não serem revertidos os marcos neoliberais dos governos anteriores, seguiram uma linha de terceira via, que, na prática atendia aos anseios das classes dominantes, enquanto fazia concessões às classes trabalhadoras.

No entanto, quando as crises cíclicas do capital bateram à porta da economia brasileira, nem mesmo as migalhas que caíam das mesas, podiam mais ser deixadas às trabalhadoras e trabalhadores. Aí veio o golpe de 2016. Temer e Bolsonaro

avançaram com o projeto neoliberal, aproveitando, uma mudança na opinião pública, que passou a vislumbrar o receituário neoliberal como saída para os problemas econômicos, políticos e sociais do Brasil.

A realidade demonstrou que o ideário neoliberal aplicado sem vernizes, piorou as condições de existência da classe trabalhadora. E mais uma vez, chegou ao segundo turno dois candidatos com projetos opostos. A reeleição de Bolsonaro representou para muitos a continuidade da barbárie, da truculência e da retirada de direitos. Por isso, a apertada vitória de Lula.

Em seu terceiro ano de governo, o projeto em curso se distancia do que foi apresentado aos eleitores. Medidas neoliberais têm presença forte no governo, que, como nos governos petistas anteriores, segue a cartilha de responsabilidade fiscal e austeridade. No entanto, com bem menos espaço para concessões às classes trabalhadoras.

Este pequeno histórico não daria conta de abordar uma série de acontecimentos cruciais destas pouco mais de três décadas desde que o neoliberalismo entrou no cenário político brasileiro. O fim da URSS, o plano real, a intensificação dos conflitos por terra, no Brasil, com a ascensão do Movimento dos Sem Terra (MST), o ataque às torres gêmeas, a crise capitalista de 2008, as reformas da previdência, a

expansão das Instituições Federais de Educação Superior, o Teto de Gastos, o Black Lives Matter, nos EUA e depois em todos os lugares, a Pandemia de COVID-19, a Greve da Educação Federal em 2024, entre outros momentos da Luta de Classes no Brasil e no Mundo. Estes mostram que o capital está sempre no ataque, seja diretamente, quando promove guerras e reprime os trabalhadores, sejam indiretamente, por meio da propagação de suas ideologias. Por outro lado, trabalhadoras e trabalhadores, povos indígenas, negras e negros, LGBTQIA+, e tantos outros oprimidos também se levantaram em defesa de seus direitos e de suas vidas, mostrando sua disposição de luta.

Em cada um desses eventos, o neoliberalismo esteve ali, com a força da reação, como alvo a ser derrotado. Seu ideário e seu léxico estão no dia a dia, nas transmissões de rádio e TV, nos podcasts, nos streamers, sendo propagado pelos digitais influencers mais diversos, seja o assunto esporte, religião, culinária,

cultura, etc. As metáforas neoliberais estão presentes na conversa com o motorista do aplicativo, nas salas de espera dos consultórios, na mesa de bar com os amigos. Está na universidade, nos Institutos de Ciência e Tecnologia, quando não nas salas de aula, sendo base da gestão administrativa. Está entre as trabalhadoras e os trabalhadores, propagado como único caminho. Cabe aos oprimidos mostrar que sempre há saídas. Estas envolvem unificar as lutas de cada segmento, em cada local de trabalho e entender o neoliberalismo, para enfrentá-lo de forma eficaz.

A análise do neoliberalismo, entender sua historicidade, seus métodos e meios de ação e propagação é uma ferramenta valiosa. Para Marx ser radical é tomar as coisas pela raiz. Sejamos radicais e tomemos, pois, a principal ferramenta do capitalismo, desde as raízes, para assim desmantelá-la.



3ª Marcha das Mulheres Indígenas · 11/09/2023 a 13/09/2023 · Brasília (DF) Foto: Gian Martins

LIBERALISMO E NEOLIBERALISMO NÃO SÃO A MESMA COISA

Alguns defensores do neoliberalismo, costumam afirmar que esse termo foi uma invenção dos detratores e que se trata do liberalismo, doutrina econômica surgida em meados do século XVIII, que eles estão trazendo novamente à baila, depois de décadas de políticas “esquerdistas” ou comunistas. Para isso, citam, principalmente, Smith e Ricardo, economistas liberais britânicos. Entretanto, as principais fontes inspiradoras do neoliberalismo são autores como Mises, Hayek e outros integrantes da chamada escola austríaca.

Faz-se necessário entender que o liberalismo é muito mais uma vertente de pensamento, com diversas escolas bem diferentes entre si, mas que se alinhavam na defesa de princípios básicos, que seriam o direito natural, a liberdade de comércio, a propriedade privada e o equilíbrio de mercado (Dardot; Laval, 2016). Então, podemos dizer que o neoliberalismo é mais um dentre os liberalismos existentes. Mais precisamente, o neoliberalismo é uma crítica ao liberalismo clássico (Gonzalbo, 2024).

O liberalismo clássico baseava-se no *laissez-faire*, expressão francesa que significa deixar fazer, ou seja, deixar o mercado agir livremente, o que permitiria que ele produzisse o bem estar da sociedade de forma natural. As demandas sociais, ou seja, a saúde e a educação seriam atendidas pelo Estado, que ofertaria, aos empreendedimentos, trabalhadores minimamente educados para a execução de suas atividades e

saudáveis. O neoliberalismo entende que mesmo estas demandas deveriam ser entregues à exploração mercantil, deixando ao Estado a função de retirar os entraves ao desenvolvimento da concorrência. Há, portanto, uma contradição entre o liberalismo e o neoliberalismo. Esta se observa no fato de que enquanto o primeiro pregava o estado mínimo, que não intercedia na economia, mas mantinha o atendimento das demandas de saúde e educação de sua população, o Estado neoliberal não atende às necessidades sociais da população, entendidas como mero serviço a ser prestado, na lógica concorrencial, enquanto se volta para o atendimento das necessidades do capital (Dardot; Laval, 2016). Enquanto o liberalismo tinha uma visão negativa do Estado e o considerava um mal necessário para ocupar-se daquilo que não deveria ser preocupação das organizações privadas, o neoliberalismo tem uma visão positiva, pois compete à ação estatal “criar o mercado apropriado, pois fornece as condições, leis e instituições necessárias a seu funcionamento” (Apple, 2005, p.37). Um Estado que deveria ser forte para proteger, financiar e socorrer o mercado, mas fraco na garantia de direitos, atuando para produzir as condições ótimas necessárias para a concorrência no mercado. Ampliando a exploração do trabalhador em todos os aspectos. Apesar do discurso neoliberal sobre a interferência do Estado trazer prejuízos à economia e ao desenvolvimento, o neoliberalismo estabelece uma relação estreita entre capital e Estado. Enquanto o Estado, por meio da dívida pública, segue transferindo recursos para o mercado,

Realiza-se a desregulamentação das atividades econômicas pelo Estado, a privatização das empresas produtivas estatais, a privatização das organizações e instituições governamentais relativas à habitação, aos transportes, à educação, à saúde e à previdência. O poder estatal é liberado de todo e qualquer empreendimento econômico ou social que possa interessar ao capital privado nacional e transnacional (Ianni, 2009, p. 314).

O Estado não se comporta como empresário, mas como principal guardião dos interesses do mercado, seja quais forem as áreas. Para os pensadores que criaram o neoliberalismo nas décadas de 20 e 30, do século passado, era preciso recuperar o liberalismo.



A GÊNESE DO NEOLIBERALISMO

Quando Adam Smith criou a imagem da mão invisível, ele não sabia que estava compondo uma nova mitologia, um novo deus que se tornaria senhor do mundo e possuindo os mais fervorosos adeptos. Uma criação, que embora extremamente idílica, logo tomou ares de racionalidade e é vendida como ciência a todas as nações, sejam quais forem os problemas a serem enfrentados.

No entanto, a mão invisível, completamente livre, não foi capaz de cumprir o prometido. A concorrência foi esmagada e substituída por monopólios, compostos por indústrias enormes, que esmagavam as empresas menores, estabelecendo uma dominação que ultrapassava a economia e influenciava fortemente os governos. Com isso, longe de levar o bem estar a toda a população, ocorreu uma exploração desenfreada da classe trabalhadora, que gerou miséria e degradação social, para a maior parte da população, enquanto

concentrava renda nas mãos de uns poucos capitalistas. Além disso, em sua insaciável busca por mercados, os monopolistas estimulavam conflitos armados, que acabaram gerando a Primeira Guerra Mundial. Mas os sacrifícios humanos do grande conflito mundial, que arrasou a sociedade europeia, mostraram que os Estados poderiam ser mais do que meros espectadores da economia, afinal, foi o Estado que mobilizou os recursos, bem como coordenou a produção, a distribuição de bens necessários ao esforço de guerra. Ainda no século XIX, trabalhadoras e trabalhadores organizaram uma forte resistência, por meio dos sindicatos e de outras organizações de trabalhadores, que resultou numa diminuição do *laissez-faire*. Isso fez com que fosse estabelecida uma incipiente legislação trabalhista que fixava jornadas máximas de trabalho, descanso obrigatório, proibição de trabalho infantil, entre outras medidas, que dava mostras de uma interferência do Estado no mercado.

Nos Estados Unidos, que assumiram a ponta de lança do capitalismo mundial, em 1929, a euforia liberal teria um fim trágico. A destruição de ativos e o desemprego massivo exigiam a salvação da economia de mercado, mesmo às custas do liberalismo clássico. Afinal, desde 1917, trabalhadoras e trabalhadores de todo mundo olhavam uma nova forma de organizar o trabalho, que se desenvolvia na União Soviética e que se refletia no surgimento de Partidos Comunistas nos mais diferentes países. Era preciso salvar o capitalismo. Para isso, surgiram duas principais alternativas. Uma delas seria o keynesianismo, materializado em políticas como as do New Deal, dos EUA e que consistia na intervenção do Estado na economia, para, num esforço semelhante ao que desenvolveu durante a guerra mundial, mobilizando recursos e organizando a produção, enquanto, por meio de obras públicas, procura dinamizar o mercado de trabalho. A outra, o fascismo. Este,

[...] baseia seu programa na dissolução das organizações operárias, na destruição das reformas sociais e na anulação total dos direitos democráticos para impedir o renascimento da luta de classes. O Estado fascista legaliza oficialmente a degradação dos trabalhadores e o empobrecimento das classes médias em nome da “salvação da nação” e da “raça”, palavras presunçosas por trás das quais se esconde o capitalismo decadente (Trotsky, 2022, p.44).

O fascismo, o nazismo e as suas variantes nacionais existiram praticamente em todo o mundo e chegaram ao poder em diversos países. Embora estas fossem as principais saídas para o capital, na época, outras foram gestadas. Uma delas, acreditava que, longe de descartar o liberalismo, era preciso dar-lhe uma vida nova. Para esse grupo, que depois escolheria o termo neoliberalismo para sua doutrina, era essencial abandonar o *laissez-faire*, por sua ingenuidade ¹, e que era preciso reforçar a “defesa do mercado, do mecanismo de preços como única forma eficiente de organização da economia e a única compatível com a liberdade individual, mas também com a mesma energia da defesa do Estado de Direito: leis estáveis, princípios gerais, inalteráveis, e um sistema representativo” (Gonzalbo, 2024, p.28).

No entanto, o Estado, suas leis, deveriam apenas enunciar princípios, ser um marco geral, evitando ditar as condutas. Tudo isso para que o Estado possa gerar as melhores condições para o desenvolvimento eficiente do mercado.

O neoliberalismo teve pouca audiência quando surgiu. O momento histórico tomara como extremamente ruim o individualismo liberal e buscava soluções com maior apelo coletivo. No entanto, os neoliberais seguiram produzindo e se organizando. Ao final da Segunda Guerra, organizaram, em 1947, a Sociedade Mont Pèlerin, que passou a encabeçar o movimento, que

¹ De acordo com Gonzalbo (2024) para os neoliberais, o mercado possuía uma historicidade, ou seja, fora produzido pela ação humana, sendo, portanto, ingênuo, acreditar em sua espontaneidade e que acreditar que o simples afastamento do Estado irá permitir seu pleno desenvolvimento.

buscou espaços nas universidades, formando centros de estudos, empresas e fundações para divulgar o neoliberalismo. Queriam mostrar às elites, que os interesses delas eram os mesmos.

Seu receituário para todos os países consiste, resumidamente, em “políticas de austeridade fiscal, redução da esfera e das ações estatais, privatização das propriedades e dos serviços públicos, controle dos sindicatos dos trabalhadores, desregulamentação dos fluxos de capital, e impostos e tarifas favoráveis ao grande capital, suprimindo seus aspectos redistributivos” (Vasconcelos, 2020, p.10).

Apesar dos seus esforços, os neoliberais estavam restritos ao movimento acadêmico, até que, a partir da década de 1970, a ditadura chilena iniciou a aplicação do receituário neoliberal. O roteiro era o mesmo: bolsas de estudo aos chilenos, para a Universidade de Chicago, onde a chamada Escola de Chicago, que ao lado da Escola Austríaca, seria a principal formadora de pensadores neoliberais, a formação de think tanks por esses bolsistas no Chile e apoio ao golpe que instaurou a ditadura, livrando o Chile do “comunismo”. Um governo autoritário era mais do que necessário para enfrentar as oposições a uma mudança tão drástica da organização do Estado. O laboratório de testes também serviu para afinar a estratégia acerca de buscar o convencimento da opinião pública, capturando a imaginação da população por meio de formadores de opinião, intelectuais, profissionais de imprensa, escritores, professores, políticos de diversos matizes e, com

a ascensão das redes sociais, digital influencers. Também é importante o fato de que o FMI, o Fundo Monetário Internacional, a partir dos anos 1980, passa a impor políticas neoliberais em seus pacotes de ajuda financeira aos países da periferia do capital.

A ascensão dessa política ao governo dos EUA, com Reagan e do Reino Unido, com Thatcher, marcou a virada de um mundo predominantemente keynesiano, com bem-estar social, altos impostos sobre a renda e controle da economia, para um mundo desregulado, onde o Estado deve estar à serviço do mercado. Uma tarefa complexa pois envolvia mudanças profundas na mentalidade de boa parte da população, como resume a Thatcher, a ex-primeira ministra britânica, “observou, certa vez, ‘a tarefa não se resume a mudar a economia somente, mas mudar a alma” (Apple, 2005, p.35).



NEOLIBERALISMO E SUA BATALHA

Após esse breve histórico já deve ter ficado claro que o neoliberalismo não é uma doutrina econômica. Ele vai além, ao fornecer um “verdadeiro programa intelectual, um conjunto de ideias, sobre a sociedade, a economia, o direito, e é um programa político, derivado dessas ideias” (Gonzalbo, 2024, p.17). Ele se identifica com o interesse das elites e reentroniza o mercado como grande organizador da vida humana, de forma a deixarmos para trás a ideia de sermos uma sociedade com economia de mercado para nos tornarmos uma sociedade de mercado.

A diferença é esta: uma economia de mercado é uma ferramenta – valiosa e eficaz – de organização de uma atividade produtiva. Uma sociedade de mercado é um modo de vida em que os valores de mercado permeiam cada aspecto da atividade humana. É um lugar em que as relações sociais são reformatadas à imagem do mercado (Sandel, 2012, p.16).

Deixe a sua vida aos cuidados do mercado. Porque este oferece todo o conhecimento necessário. Ele sabe mais do que qualquer um. O que leva os neoliberais a não verem problema na ignorância, afinal, “se cada pessoa se ocupar somente de sua parte e seguir seus interesses, comprar e vender livremente, sem perguntar nada o resultado sempre será melhor” (Gonzalbo, 2024, p.41).

Essa premissa se aplica a toda a sociedade, uma vez que tudo pode ser passível de tornar-se mercadoria. Dessa forma chega-se ao programa neoliberal para a Educação, Saúde, previdência e outros direitos. O mercado “sabe” melhor que qualquer um as necessidades e como alocar os recursos para supri-las. A acumulação mecânica do conhecimento pelo mercado, utilizando as informações que as relações de compra e venda lhe revelam, pode dizer qual o “melhor programa de estudos, que projeto de pesquisa, quais carreiras universitárias, que forma de cuidar



COP 28, em Dubai nos Emirados Árabes.08/12/2023 Foto: Mídia NINJA

do meio ambiente ou não cuidar, que meios de transporte” (Gonzalbo, 2024, p.41).

Dessa forma, os neoliberais vão além da mão invisível de Smith. Na verdade, é uma **Mente Invisível**, capaz, na crença deles, de maximizar o desenvolvimento da sociedade. Uma mente que para funcionar não pode ter rivais, enquanto produtora e organizadora do conhecimento. Daí o ataque às universidades, escolas, hospitais e a qualquer outra atividade a que o Estado se dedique, que não seja estimular o mercado.

As ideias neoliberais, desde seu alvorecer, desconfiam do que é público, de serviços e bens públicos, até aos servidores públicos, vendo tudo o que se relaciona ao público como socialista ou comunista. Para o neoliberal a única atuação legítima do Estado é aquela onde ele garante que o mercado funcione, aquela onde o Estado seja ferramenta para a expansão da lógica mercantilista.

Os sindicatos, enquanto ferramenta de luta dos trabalhadores, são vistos como inimigos do ataque à desqualificação dos sindicatos. De acordo com os ideólogos neoliberais, os sindicatos possuem muito privilégios às custas da população, considerando que suas ações (greves, manifestações, etc.) são terrorismo. O programa neoliberal não aceita contestação, daí sua desconfiança para com a democracia.

Pensamento dominante da

economia e política, transformou, aos olhos da opinião pública, aqueles que apresentam discordâncias em inimigos, criando narrativas que se propagam pela mídia, através de suas fundações e think tanks ². Podemos citar a Crise de 2008, onde o receituário neoliberal, onde o Estado não deve regular a atuação do mercado, levou a derrocada de diversos bancos, que tiveram que ser socorridos pelo Estado. Esse socorro é justamente a contrapartida das políticas neoliberais: o Estado impedindo a derrocada do mercado. Entretanto, passada a fase mais aguda da crise, os neoliberais voltaram à carga, culpando os Estados por gastarem demais, esquecendo de dizer que os gastos estatais foram elevados para salvar os bancos.

A partir de então, as chamadas políticas de austeridade começam a ganhar espaço no debate público: os estados gastam demais e precisam conter esses gastos. Caso façam isso, poderão cobrar menos impostos do setor produtivo, o que fará a inflação encolher e os capitalistas terão confiança para investir. Para melhor ilustrar seu cenário idílico, criaram metáforas onde comparam o orçamento público ao orçamento das famílias, onde não se pode gastar mais do que ganha.

No Brasil, o chamado Ajuste Fiscal entra na ordem do dia. “A constituição de 1988 consagrou em seu texto uma série de despesas obrigatórias, vinculações constitucionais e os benefícios previdenciários como direitos dos

² Think tanks são instituições que desempenham um papel estratégico na defesa de determinadas políticas públicas, além de terem a capacidade de explicar, mobilizar e articular os atores. Atuam em diversas áreas, como segurança internacional, globalização, governança, economia internacional, questões ambientais, informação e sociedade, redução de desigualdades e saúde.

brasileiros. Realizar as desvinculações, diminuir as despesas obrigatórias e modificar o caráter da Previdência” (Silva; Barbosa, 2020, p.342) ou seja, retirar direitos, passa a ser o foco das políticas neoliberais, que culminaram no Teto de Gastos, que constitucionalizou os cortes nas Educação, Saúde e outros direitos, substituído, já no terceiro governo Lula, em 2023, pelo Arcabouço Fiscal, que segue aplicando o ajuste fiscal sobre o Estado Brasileiro.

Para além disso, o neoliberalismo conforma o Brasil ao papel de fornecedor de produtos primários, principalmente commodities, e consumidor de produtos industrializados e de tecnologia. Daí o apoio recíproco entre o neoliberalismo e o agronegócio.

Outro ponto que chama a atenção é a aliança entre conservadores e neoliberais, sintetizado no lema liberal na economia e conservador nos costumes. Ao acreditar que o Estado deve priorizar a liberdade individual, os neoliberais são contrários às políticas de reparação históricas como as cotas sociais e raciais, o combate ao preconceito e à desigualdade, argumentando que o Estado está indo além do aceitável ao propor essas políticas, da mesma forma que é inaceitável que o Estado promova políticas de defesa do trabalhador. A demonização da CLT, do FGTS e da carteira assinada, como entraves a um maior ganho dos trabalhadores e ao desenvolvimento, toma forma de movimento cada vez maior de trabalho precarizado, batizado de empreendedorismo. Para que essa desvalorização do público pudesse ter tantos adeptos foi preciso realizar um

“trabalho ideológico criativo e de longo prazo e, ainda, as pessoas têm que ser forçadas a perceber tudo o que é público como ‘ruim’ e o que é privado como ‘bom’” (Apple, 2005, p.41). Para realizar isso, o neoliberalismo pôde contar com o avanço das Tecnologias de Informação e da Comunicação (TICs), as quais, a despeito de seu potencial positivo para a humanidade, acabam capturadas pelos grandes conglomerados empresariais de tecnologia, as Big Tech, as quais controlam as redes sociais e seus algoritmos, dando maior visibilidade aos conteúdos de direita e extrema-direita, bem como ao fenômeno das fake-news.

As fake news constituem versões completamente distorcidas sobre eventos correntes, processos históricos, científicos, sociais e políticos, radicalizando ao extremo as estratégias de alguns dos intelectuais neoliberais [...]. Elas geralmente visam:

- tentar recontar a história da humanidade e de cada país. Ex.: negar o holocausto; negar o golpe e da ditadura civil-militar no Brasil entre 1964 e 1984;
- desqualificar as ciências, as evidências tecnocientíficas e o debate intelectual. Ex.: difundir a versão criacionista do mundo indicada na Bíblia, ou de que a Terra é plana, ou rejeitar as amplas evidências do aquecimento global provocado pela ação humana;
- desqualificar o debate político e a liberdade de imprensa, bases para a tomada de decisões políticas e para a democracia;
- promover uma estratégia diversionista, como ‘cortina de fumaça’, para medidas

impopulares e problemas graves do governo;

- valorizar o senso comum e a opinião das lideranças políticas carismáticas e de pseudo-intelectuais. Ex.:

Olavo de Carvalho; - gerar massas com comportamentos fundamentalistas e fascistas;

- e portanto, solapar as bases racionais da esfera pública e da gestão da questão social, desestabilizar as instituições públicas e democráticas, gerar caos político e enfraquecer a democracia como regime político (Vasconcelos, 2020, p.18-19).

O neoliberalismo esvazia o público em detrimento do privado, buscando não apenas um Estado empresarial, mas que o próprio ser humano seja uma empresa, daí a popularidade de ideias para a educação como as formuladas pela Teoria do Capital Humano, onde cada um, como empreendedor de si mesmo, busca adquirir vantagens competitivas para melhor desempenho em todos os momentos da vida, uma vez que estes estão devidamente mercantizados.

*O vosso tanque General, é um
carro forte*

Derruba uma floresta esmaga cem

Homens,

Mas tem um defeito

- Precisa de um motorista

O vosso bombardeiro, general

É poderoso:

Voa mais depressa que a

tempestade

E transporta mais carga que um

elefante

Mas tem um defeito

- Precisa de um piloto.

O homem, meu general, é muito útil:

Sabe voar, e sabe matar

Mas tem um defeito

- Sabe pensar

Bertolt Brecht



Latin America Reports - In photos: Brazil's second round of education protests

A EDUCAÇÃO NEOLIBERAL

Ora, o Estado neoliberal não é um Estado que possua qualquer responsabilidade com seus cidadãos. Sua responsabilidade é para com o perfeito funcionamento do Mercado. Daí, a gestão pública assume premissas, ditas, técnicas e procura realizar-se sem as considerações relativas ao social e ao político. O mantra é o da eficiência. Quanto mais semelhante à gestão das organizações privadas, mais eficiente é a gestão da coisa pública. E as críticas que se possam fazer a esse modelo são consideradas corrompidas por preceitos ideológicos e não técnicos, irracionais até. Não há mais direitos, mas bens e serviços fornecidos pelo Estado.

A figura do cidadão “investido” de uma responsabilidade coletiva desaparece pouco a pouco e dá lugar ao homem empreendedor. Este não é apenas o “consumidor soberano” da retórica neoliberal, mas o sujeito ao qual a sociedade não deve nada, aquele que “tem que se esforçar para conseguir o que quer” e deve “trabalhar mais para ganhar mais”. Para retomarmos alguns clichês do novo modo de governo. A referência da ação pública não é mais o sujeito de direitos, mas um ator auto empreendedor que faz os mais variados contatos privados com outros atores auto empreendedores (Dardot; Laval, 2016, p.381).

A esfera pública, comum, que mediava a esfera privada, encolhe cada vez mais. E isso reflete na educação, onde é cada vez mais

comum que as escolas, faculdade e mesmo universidades se comportem como simples empresa, um meio explorar o trabalho de docentes e técnicos, à custa da venda de educação como mercadoria. A educação neoliberal, enquanto mercadoria, está constantemente evidenciando que está realizando sua função de forma correta. Daí a ênfase em testes, avaliações que criam uma “cultura de auditoria” em todos os níveis de ensino (Apple, 200). Ao assimilar essa cultura, a educação pública, acaba por se democratizar. Currículos, atuação em sala de aula, gestão das instituições de educação, tudo passa a atender normativos externos, considerados como a principal forma de mensurar e aferir qualidade. Uma verdadeira reforma empresarial do ensino público.

Essa reforma baseia-se numa clara definição e repasse à comunidade das instituições de ensino, de metas a alcançar. Em seguida, a aplicação de testes censitários, permitem mensurar o desempenho no alcance das metas. Por fim, dentro de uma lógica concorrencial, define-se mecanismo de premiação para as instituições, discentes, docentes e técnicos, que lançam sobre todos uma responsabilização verticalizada e individualista do sucesso da educação. “A lógica esperada é que, definindo o que se deve ensinar, a escola saberá o que ensinar, os testes verificarão se ela ensinou ou não, e a responsabilização premiará quem ensinou e punirá quem não ensinou” (Freitas, 2018, p.78). E tudo sendo cobrado pela população, estimulada pela mídia que apresenta o resultado das avaliações

externas como única forma de sucesso da educação.

Essa situação abre espaço para a atuação de verdadeiros “aparelhos privados de hegemonia”, que são organizações privadas, que buscam defender os interesses das classes dominantes nas políticas públicas (Leher, 2018). A educação é um dos carros chefes da atuação desses aparelhos. Podemos tomar como exemplo o “Todos pela Educação”, que atua fortemente na consultoria de instituições educacionais públicas, em todos os níveis, visando a adequação da educação ao modelo voltado para as avaliações externas, por meio de cursos e edição de materiais nesse sentido. “No plano estratégico, é possível aduzir que o objetivo da grande burguesia era atuar para que a escola fosse ressignificada como lugar de formação de competências guiada pelo Capital Humano, o que garantiria a desejada despolitização da escola e da educação” (Leher, 2018, p.49). O Todos pela Educação e similares retira o espaço das discussões democráticas da comunidade, pois chega com um programa pronto a ser implementado.

E a reação dos servidores a essas imposições e à cultura de auditorias é vista com desconfiança sendo tachados de estarem impedindo o desenvolvimento da instituição, pelo simples fato de apontar que as soluções apresentadas não tem como responder às complexidade das demandas sociais, políticas e educacionais do território em que trabalham e educam. Isso ocorre porque parte das gestões se adaptaram à ideia de modernização neoliberal da educação, afinal há um espaço amplo para quem defende tais políticas, tanto implementando-as,

quanto aprimorando-as. A educação se compromete cada vez mais com a formação parcializada e incompleta que o neoliberalismo deseja. Adaptada ao mercado, não indo além daquilo que as organizações produtivas desejam. Escapar dessa armadilha só é possível derrotando o ideário neoliberal, que, atualmente é recitado por governos de todos os matizes.

Afinal do Chile de Pinochet, passando pelo thatcherismo e o reaganismo, pelas chantagens do FMI e pela avidez das elites brasileiras, as promessas de felicidade, crescimento, bem-estar, diminuição da pobreza, lastreadas pelo receituário neoliberal não se cumpriram. Pelo contrário, o que temos é

[...] um aumento vertiginoso da desigualdade, desequilíbrios regionais em todo o planeta, precarização trabalhista, destruição do meio-ambiente, deterioração de todos os serviços públicos, repetidas crises financeiras, queda do poder aquisitivo dos salários, aumento do desemprego de longa duração e um crescimento da economia muito inferior ao das décadas anteriores (Gonzalbo, 2024, p.275).

As soluções para os graves problemas que o neoliberalismo engendrou passam pela derrocada do ideário neoliberal, que apesar dos fracassos, segue resiliente, por ser a alternativa do capital a uma barbárie fascista, embora cada vez mais os líderes a implementar a agenda neoliberal, flertam abertamente com o autoritarismo e com o fascismo.

PARA DERROTAR O NEOLIBERALISMO

Diante de uma ferramenta tão complexa, que, em muitos momentos, coopta parte da classe trabalhadora para posições contrárias a da sua classe, é preciso que os opositores do neoliberalismo possam organizar estratégias de resistência. Embora suas políticas não tenham realizado nada daquilo que prometeram, e que, em vez de melhorias, apenas a desigualdade e a miséria se espalharam onde quer que tenham sido instauradas, a defesa ideológica do neoliberalismo é mais forte do que nunca.

Isso leva a necessidade de “desenvolver nossa capacidade de acompanhar e interpretar os ‘sinais dos tempos’, ou seja, de analisar a conjuntura histórica mais ampla, no sentido de poder ter alguma previsão tanto dos desafios, como também das possíveis contradições, que apontam para brechas e espaços políticos de atuação e resistência” (Vasconcelos, 2020, p.22). Para isso, é preciso realizar a análise da correlação de forças, identificando os grupos que compõem a base neoliberal e aqueles que se opõem ao projeto no Brasil.

Diante de um receituário que aposta na pura e simples privatização de todos os aspectos da vida, precisamos reafirmar que a vida social não pode ocorrer sem uma dimensão pública, afinal, o público não é sinônimo de estatal, “não significa burocracia, ineficiência, falta de aptidão e corrupção, da mesma forma que

privado não significa eficiência e honestidade” (Gonzalbo, 2024, p. 275). A economia é parte da vida e não toda a vida. Apesar da incessante retórica, o homo economicus, o tomador de decisões exclusivamente racionais, não é o que define a nossa espécie, que segue sendo o homo sapiens, o astucioso primata que espalhou-se pelo mundo, não apenas tomando as decisões mais racionais, mas envolvidos por sentimento, imaginação, impulsividade, por cultura.

Outra importante ação é “continuar ou retomar, onde possível, nossa militância de base e particularmente micropolítica nos movimentos sociais populares e em nossa atuação como trabalhadores de políticas sociais” (Vasconcelos, 2020, p.24). As lutas por terra, moradia, o combate ao machismo, à LGBTfobia, a defesa do meio-ambiente, que se organizam principalmente em movimentos populares, são pautas que mobilizam diversos setores da população e os colocam diretamente contra a ordem neoliberal, apoiada por conservadores de todos os matizes, militares, grupos abertamente fascistas e os oportunistas da política que se movimentam de acordo seus espúrios interesses.

Não se pode esquecer que o neoliberalismo se arvora como um conhecimento, e não apenas isso, o único conhecimento verdadeiro, pois segundo os

neoliberais, ao partir, do mercado, enquanto ferramenta capaz de gerar as informações sobre as necessidades e desejos da sociedade reúne as características para gerir toda a vida social. Teriam em mãos o conhecimento definitivo.

Os defensores do capitalismo adoram apregoar o fim da história. Mas, é a própria história que nos ensina que nenhum regime, modo de produção ou conhecimento é definitivo. Abandonar a matriz de conhecimento neoliberal e retornar ao conhecimento complexo, discutível, pensado e criado coletivamente. Esse é um passo para barrar os ataques na educação e em todas as outras áreas ao desmontar os argumentos e falácias neoliberais.

E, ao juntarmos a valorização do público, as lutas sociais, ambientais e todas as outras, bem como a conexão com a produção do conhecimento, apontamos para a necessária busca por soluções coletivas, pois em uma sociedade tão cheia de diversidade, apenas coletivamente superaremos da melhor forma possível os problemas que se nos antepõe. A ênfase no mercado para regular a vida, impede nossa criatividade coletiva, aquela que nos guiou desde o começo da história humana. Agora precisamos dessa criatividade para superar o domínio do mercado e colocar a humanidade e seu bem estar geral como princípio organizador da sociedade.



Marcha da Juventude Campesina • 17/10/2023 • Brasília (DF) Foto: Mídia NINJA



REFERÊNCIAS

APPLE, Michael. **Para além da lógica do mercado:** compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias.** São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GONZALBO, Fernando Escalante. **História mínima do neoliberalismo.** São Paulo: Veneta, 2024.

IANNI, Octávio. **Capitalismo, violência e terrorismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

LEHER, Roberto. **Universidade e heteronomiacultural no capitalismo dependente:** um estudo a partir de Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

SANDEL, Michael J. **O que o dinheiro não compra:** os limites morais do mercado. Trad. MARQUES, Clóvis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SILVA, Wagner Pires da; BARBOSA, Erlene Pereira. Austeridade e neoliberalismo no Brasil pós-golpe. **Rev. Sítio Novo**, Palmas, v. 4 n. 3 p. 336-347 jul./set. 2020. Disponível em <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/525>. Acesso em 02/04/2025.

TROSTKY, Leon. Prefácio de Leon Trotsky: o marxismo em nosso tempo. In: MARX, Karl. **O essencial de Marx.** Org. Rühle. Petropolis: Editora Vozes, 2022.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. A gravidade do neoliberalismo radical pós 2008 e nossas estratégias de resistência. **Argumentum**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 8-26, 2020. DOI: 10.18315/argumentum.v12i2.30483. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/30483>. Acesso em: 03/04/2025.

SOBRE O AUTOR



Wagner Pires da Silva é servidor técnico-administrativo em educação (TAE) na Universidade Federal do Cariri (UFCA), onde atua como administrador na Pró-Reitoria de Graduação. Ele possui graduação em Administração pela Faculdade Farias Brito (2011), licenciatura em História pela UNIFAVENI e especialização em História do Brasil com ênfase em História do Ceará pela Faculdade Padre Dourado (FACPED). Além disso, é mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPe), com pesquisa focada na expansão do ensino superior no semiárido brasileiro.

FICHA TÉCNICA

Autoria: **Wagner Pires**

Diagramação: **Emanuel Lopes**

Revisão e Produção Editorial: **Gustavo Vieira-Baltazar**

Coordenação de Comunicação: **Carmelita Mateus**

LUTAR CONTRA O NEOLIBERALISMO:

ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA



SINTUFCE.ORG.BR